

*ESCOLA E FAMÍLIA: o que a agenda escolar revela*

*SCHOOL and FAMILY: What the school agenda reveals*

**ROSA HORTÊNCIA DE MELO FERREIRA, MARIA ANTONIETA  
TEIXEIRA**

**Resumo:**

O artigo trata da interação escola-família na sociedade contemporânea. Para o escopo da pesquisa, a “relação escola-família” é uma expressão que caracteriza toda forma de ligação entre sujeitos familiares e escolares, seja de cooperação ou de conflito. Para a investigação, adotou-se uma abordagem qualitativa orientada pelo método hermenêutico-dialético (MINAYO, 1996). A pesquisa verificou como se materializa a relação escola-família em um CEMEI, no município de Cláudio, a partir da análise da agenda escolar. Considerando que a participação da família no cotidiano escolar dos filhos contribui com o conhecimento da criança como sujeito social, com história de vida, valores e experiências resultantes da trajetória familiar; é com base neste conhecimento que a professora pode potencializar o seu trabalho pedagógico, pois a herança cultural influencia a aprendizagem da criança. A tradição educacional, formada pela cultura higienista e pela cultura da carência, parece ainda estar presente na escola, além de sua postura assimétrica em relação à família. É o que a agenda escolar revela, além de praticamente não conter registros da família. Finalmente, fica em aberto um campo fértil para novas pesquisas sobre esta complexa relação, de forma que o tema escola-família seja contemplado na formação inicial e continuada de professores.

**Palavras-chave:** Escola-família. Herança cultural. Agenda escolar.

**Abstract:**

The article deals with school-family interaction in contemporary society. For the scope of the research, the “school-family relationship” is an expression that characterizes every form of connection between family and school subjects, be it cooperation or conflict. For the investigation, a qualitative approach was adopted guided by the hermeneutic-dialectical method (MINAYO, 1996). The research verified how the school-family relationship materializes in a CEMEI, in the municipality of Cláudio, from the analysis of the school agenda. Considering that the family's participation in the children's daily schooling contributes to the child's knowledge as a social subject, with life history, values and experiences resulting from the

family trajectory; It is based on this knowledge that the teacher can enhance her pedagogical work, as cultural heritage influences the child's learning. The educational tradition, formed by the hygienist culture and the culture of neediness, still seems to be present in the school, in addition to its asymmetrical attitude towards the family. This is what the school schedule reveals, besides having virtually no family records. Finally, a fertile field is open for further research on this complex relationship, so that the school-family theme is addressed in the initial and continuing teacher education.

**Keyword:** school-family. family heritage. School diary.

## INTRODUÇÃO

Este artigo trata da interação escola-família, consideradas as agências socializadoras responsáveis pelos processos formativos das crianças, na sociedade contemporânea. O tema foi investigado em uma escola de educação infantil no município de Cláudio, em Minas Gerais, e revela as potencialidades e os desafios inerentes à relação, ora de tensão, ora de cooperação. A relação escola-família se baseia na ideia de influência mútua, que considera especificidades e assimetrias existentes na interação (BRASIL, 2009).

Para o escopo da pesquisa, a “relação escola-família” é uma expressão que caracteriza toda forma de ligação entre sujeitos familiares e escolares, seja de cooperação ou de conflito (RESENDE; SILVA, 2016). “Outro detalhe que faz toda a diferença é a ordem escolhida para descrever a relação: escola-família e não família-escola” (CASTRO; REGATTIERE, 2010, p. 16).

Segundo as autoras, é preciso assumir que “[...] a aproximação com as famílias é parte do trabalho escolar, uma vez que as condições familiares estão presentes de forma latente ou manifesta na relação professor-aluno e constituem chaves de compreensão importantes para o planejamento da ação pedagógica [...]” (*idem*). Neste sentido, buscou-se conhecer as formas e características de relacionamento que a escola e a família estabelecem e que contribuem para assegurar o direito de aprendizagem dos *filhos alunos*.

A problemática da pesquisa originou-se no percurso do estágio curricular, quando a presença e ausência de mães e pais nas chegadas e saídas dos *filhos*

*alunos* na escola e nas reuniões foi indicativa de uma realidade diferente das leituras e discussões sociológicas e pedagógicas que evidenciavam a importância da interação escola-família. A presença do tema nas políticas educacionais reforça a importância da questão, pois “[...] a razão principal da intervenção estatal associa-se a uma estratégia de promoção do sucesso escolar [...]” (NOGUEIRA, 2005, p. 1).

Assim, a questão central da pesquisa é como se materializa a relação escola-família de forma a garantir o direito à educação e à aprendizagem das crianças? Acredita-se que a participação da família no cotidiano escolar dos filhos contribui com o conhecimento da criança como sujeito social, cuja herança cultural influi na aprendizagem.

Para a investigação, adotou-se uma abordagem qualitativa orientada pelo método hermenêutico-dialético (MINAYO, 1996), que permite entender os *textos* como resultados de um processo social, além de analisá-los a partir do referencial teórico escolhido. Os *textos* referem-se às entrevistas realizadas e à agenda escolar analisada.

Importa dizer que a Sociologia da Educação, assim como as Ciências Sociais, assume novas formas de compreensão da vida social contemporânea, em permanente construção e em que o sujeito tem uma relativa autonomia em suas decisões, ações e valores. Nesta perspectiva, a escola reconhece a necessidade de efetivar uma parceria com as famílias visando o desenvolvimento integral da criança. Escola e família (re)constróem-se desde então.

### **As Relações Escola-Família**

Nas sociedades modernas, a escola assume o papel social de educar as crianças a partir de um conhecimento legitimado que define a posição social dos indivíduos. A família, por outro lado, valoriza o processo de escolarização como meio de mobilidade social. “Se as duas estabelecerem uma linguagem comum e estratégias definidas colaborativamente no trato de alguns aspectos do desenvolvimento e da escolarização dos estudantes, é possível que as crianças consigam ter um percurso acadêmico mais significativo” (TRANCREDI; REALI, 2005, p. 243). Dessa forma, há

uma tendência mundial em reconhecer e incentivar a interação *educação escolar* e *educação familiar* no desenvolvimento da criança.

A expressão escola-família refere-se aos diversos aspectos envolvidos na interação entre estas duas instituições. No campo sociológico, escopo da pesquisa, há um reconhecimento de que os alunos não são indivíduos isolados e iguais e, portanto, não podem ser tratados de modo geral, como sujeitos abstratos. É um movimento de sair do aluno desejado e considerar o aluno real. “Cada aluno faz parte de um grupo familiar específico, com características demográficas, socioeconômicas, culturais, étnicas e raciais particulares” que “[...] interferem [...] no modo como cada aluno lida com sua escolarização e sua trajetória escolar (NOGUEIRA, 2009, s/n).

A relação escola-família tem sido tema de progressivo interesse acadêmico e governamental, considerando-se sua importância para o desenvolvimento integral da criança. “Quando a família e a escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas” (POLONIA; DESSEN, 2005, p. 304).

Família, aqui, adota uma concepção ampla, no sentido de quem exerce as funções de cuidados básicos de higiene, saúde, alimentação, orientação e afeto, mesmo sem laços de consanguinidade. No caso da escola, considera-se como a instituição que integra o sistema público de ensino responsável pela educação escolar (BRASIL, 2006). Dessa forma, a “relação escola-família” é uma expressão que caracteriza toda forma de ligação entre sujeitos familiares e escolares, seja de cooperação ou de conflito (RESENDE; SILVA, 2016).

A família é o primeiro meio de socialização da criança; “[...] é na família que a criança encontra os primeiros “outros” e, por meio deles, aprende os modos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito” (SZYMANZKI, 2003, p. 22), é a família o primeiro ambiente em que o ser humano se relaciona com outras pessoas no qual aprende valores, princípios, normas e noções sobre a vida, além de segurança, respeito e amor.

A escola é o local que auxilia a criança a descobrir mais sobre suas emoções, sentimentos e desenvolvimento de suas ações para que se alfabetize e se relacione com pessoas externas ao seu meio familiar. A escola é parte do sistema público de

ensino que é responsável primário pela educação escolar. A LDB (1996) destaca como um dos objetivos a serem alcançados pela educação escolar, o fortalecimento dos vínculos de família, reafirmando o lugar do aluno como membro de uma família e de uma comunidade mais ampla. "No mundo familiar as crianças são filhos; no mundo escolar elas são alunos" (CASTRO; REGATTIERI, 2010, p. 13).

A reflexão sobre a função social da família nos processos educacionais teve início nos anos 1960, quando várias pesquisas quantitativas constataram a relação entre o desempenho dos alunos e sua origem social. Bourdieu (1998), nesse contexto, destaca que as famílias têm recursos diferentes para investir na escolarização dos filhos, ou seja, a relação entre capital cultural e sucesso escolar (CATANI, 2010).

As referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos e o domínio maior ou menor da língua culta herdados por certas crianças facilitarão o aprendizado e propiciarão melhor desempenho nos processos escolares de avaliação, na medida em que funcionarão como uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar (CATANI, 2010, p. 2).

Dessa forma, Bourdieu (1998) considera que as famílias dos meios populares acabam investindo menos na escolarização dos filhos, pois percebem que as chances de sucesso escolar e de mobilidade social por meio da escola são pequenas, dada a ausência de capital cultural. Por outro lado, as famílias de classes médias, que acreditam nos títulos escolares e seus retornos, investem bastante na escolarização dos filhos. Finalmente, as elites podem agir de duas formas: uma parte, mais rica em capital cultural, investe pesadamente na educação, visando as carreiras mais bem sucedidas; a outra parte, mais rica em capital econômico, espera que a escola certifique e legitime as posições de controle conquistadas pelo capital econômico (CATANI, 2010).

Contudo, as concepções baseadas na reprodução social, de natureza macrossociológica, foram criticadas, pois as famílias foram tratadas de forma abstrata. As famílias estavam no centro das desigualdades sociais, mas não eram investigadas em si mesmas, e suas características eram deduzidas do seu *lôcus* de classe social. De toda maneira, a complementaridade escola-família fica caracterizada nos

processos de escolarização.

A partir de 1980, as pesquisas passam a investigar as famílias e sua relação com a escola: como acontece a escolha da escola, o sentido da tarefa de casa e a própria compreensão do fracasso escolar (PAROLIN, 2007; NOGUEIRA, 2005; NOGUEIRA, 2006). A Sociologia da Educação passa a adotar métodos qualitativos para estudar a relação escola-família. As pesquisas passam a evidenciar o papel central da família no processo de escolarização e, cujos resultados, vem estimulando a participação dos pais na escola. Um novo campo de pesquisas trata das trajetórias escolares dos indivíduos e das estratégias usadas pelas famílias, focando os cotidianos e as experiências escolares, constatando a autonomia das famílias em relação a sua classe de pertencimento.

Os anos 1990 aprofundam a crítica às abordagens sociológicas deterministas de transmissão automática dos pais para os filhos principalmente do capital cultural. “Com base em estudos empíricos, vem-se demonstrando que a transmissão dos capitais não é inexorável, pois ela requer que o «herdeiro aceite herdar a herança» [...]” (NOGUEIRA, 2006, p. 568). Os estudos sociológicos sobre as estratégias familiares sobre a escolarização, atualmente, organizam-se a partir de duas abordagens: 1) as práticas familiares de caráter utilitarista, que investem na educação como investimento para rentabilidade econômica e status profissional e 2) as ações familiares que acentuam a formação da identidade social e na mobilização de valores morais necessárias à vida em sociedade.

Importa dizer que a Sociologia da Educação, assim como as Ciências Sociais, assume novas formas de compreensão da vida social contemporânea, em permanente construção e em que o sujeito tem uma relativa autonomia em suas decisões, ações e valores. Nesta perspectiva, a escola reconhece a necessidade de efetivar uma parceria com as famílias visando o desenvolvimento integral da criança. Escola e família (re)constroem-se desde então.

### **Escola e Família: Mudanças e Desafios**

Na modernidade, as mudanças atingem a cidade, a sociedade, a escola, a família e a infância. Mediador e regulador dessa relação, o papel do Estado também foi se modificando (ALMEIDA, 2005, p. 580). Na cidade urbana, a sociedade burguesa impõe seu capital simbólico, cuja escola é a instituição de preparação das crianças para viver coletivamente. A descoberta da infância define uma nova representação da criança, como ser de características próprias a ser protegido pela família, então local do afeto (ARIÈS, 2006).

A família assume fortemente o papel de educadora, constituindo-se como instância de socialização da criança e de transmissão de valores, condutas, saberes. O respeito, antes valor hierárquico, passa a ser compreendido como direito de todos e a família torna-se mais igualitária.

No bojo desse movimento emergem novos valores educacionais, preconizando nas relações entre pais e filhos, que agora devem se pautar não mais pelo autoritarismo, mas sim pela comunicação e pelo diálogo. Em suma, os pais tornam-se provedores de bem-estar psicológico para os filhos (NOGUEIRA, 2005, p. 572).

Do ponto de vista pedagógico, a escola não fica alheia às mudanças sociais e o aluno passa a ser o elemento ativo no processo de ensino e aprendizagem. Há uma preocupação com a coerência entre os processos educativos familiares com os realizados na escola. O trabalho educativo deve estar em conexão com as vivências dos alunos. “Hoje, mais do que nunca, o discurso da escola afirma a necessidade de se conhecer a família para bem se compreender a criança, assim como para obter uma continuidade entre sua própria ação educacional e a da família” (NOGUEIRA, 2005, p. 573). Castro e Regattiere (2010) indicam, neste contexto, que a escola assuma explicitamente que a relação seja escola-família, pois é a escola que deve assumir a intencionalidade da intervenção pedagógica ao integrar a participação da família.

Face a tantas mudanças, Nogueira (2005) aponta três tendências nas relações entre família e escola. A primeira tendência refere-se ao processo de *aproximação* das duas instituições, com a presença dos pais na escola e sua participação nas atividades de ensino. Contatos formais e informais aumentam: projetos pedagógicos,

palestras, festas de família, agenda escolar do aluno, bilhetes, mensagens, conversas na chegada e saída das aulas, ou ainda, a própria criança (NOGUEIRA, 2005 *apud* PERRENOUD, 1995).

A segunda tendência decorre da primeira, mas vai além, corresponde a *individualização* da interação família e escola. O contato face a face pais e educadores se acentua, atualmente. E, finalmente, o terceiro processo refere-se à *redefinição de papéis* da divisão do trabalho educativo entre família e escola, descrita anteriormente.

De um lado, a escola não se limita mais às tarefas voltadas para o desenvolvimento intelectual dos alunos, estendendo sua ação aos aspectos corporais, morais, emocionais, do processo de desenvolvimento. De outro, a família passa a reivindicar o direito de intervir no terreno da aprendizagem e das questões de ordem pedagógica e disciplinar. Não há mais uma clara delimitação de fronteiras (NOGUEIRA, 2005, p. 575).

A escola contemporânea caracteriza-se como a protagonista da formação do ser social e a família, como *lócus* primeiro de socialização da criança, são chamadas a colaborar com a função social de garantir aos alunos o direito de aprender. Neste sentido, Nogueira (2006, p. 156) constata que “temos assistido, nos últimos anos, a formulação de políticas públicas educacionais visando ao desenvolvimento de participação e da cooperação entre famílias e escola”. Família e escola assumem uma relação de complementaridade, ocorrendo uma redefinição da divisão social das agências socializadoras.

### **A Comunicação entre a Escola e a Família**

A educação é comunicação que transforma e move e torna a transformar, conduzindo sempre a direções várias (RIMOLI, 2015). A educação é diálogo, que é comunicação, o que significa dizer que tal processo se baseia em uma relação, ou seja, demanda um emissor, um receptor, uma mensagem e um canal. Cabe, assim, às escolas estabelecerem um diálogo aberto com as famílias, considerando-as como parceiras no processo educativo infantil.

Os Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil - RCNEI (1998) definem o processo de comunicação com a família como fator imprescindível para garantir a qualidade das instituições infantis. Neste sentido, o RCNEI indica para a escola maneiras de estabelecer contato com a família, como prever espaços e tempos para os familiares e profissionais iniciarem o conhecimento mútuo; facilitar o período de adaptação de crianças e responsáveis nos períodos de iniciação escolar e disponibilidade para a escuta de reclamações, solicitações e sugestões.

A comunicação mais individualizada entre as famílias e as instituições de educação infantil deve ocorrer desde o início de forma planejada. Após os primeiros contatos, a comunicação entre as famílias e os professores pode se tornar uma rotina mais informal, mas bastante ativa. Entrar todos os dias até a sala onde sua criança está, trocar algumas palavras com o professor pode ser um fator de tranquilidade para muitos pais. Quanto menor a criança, mais importante essa troca de informações. Este contato direto não deve ser substituído por comunicações impessoais, escritas de maneira burocrática. Oportunidades de encontros periódicos com os pais de um mesmo grupo por meio de reuniões, ou mesmo contatos individuais fazem parte do cotidiano das instituições de educação infantil (RCNEI, 1998, p. 78).

Neste contexto, Coletto (2014) defende que as agendas são um instrumento para estreitar as relações com a família, desde que sejam baseadas no respeito mútuo em um clima favorável de relacionamento. Fernandes (2006) já constatara que a agenda escolar tem sido um dos recursos mais usados para manter a comunicação entre família-escola nas escolas de educação infantil.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

O estudo é de cunho qualitativo, cuja investigação adota uma abordagem qualitativa orientada pelo método hermenêutico-dialético (MINAYO, 1996), que permite entender os *textos* como resultados de um processo social, além de analisá-los a partir do referencial teórico escolhido. “Nesse método a fala dos atores sociais é situada em seu contexto para melhor ser compreendida. Essa compreensão tem,

como ponto de partida, o interior da fala. E, como ponto de chegada, o campo da especificidade histórica e totalizante que produz a fala” (MINAYO, 1996, p. 77).

Os *textos* referem-se às entrevistas realizadas e à agenda escolar analisada. Para a análise, utilizou-se a análise de conteúdo (BARDIN, 1996) que orientou a definição de categorias de análise: 1) caracterização da agenda; 2) conteúdo da comunicação e 3) envolvidos na comunicação escola-família.

A coleta de dados adotou procedimentos complementares: primeiramente, foram entrevistadas a diretora da escola e uma mãe, usando um questionário com perguntas abertas e, em seguida, realizada a análise de conteúdo das agendas escolares usadas na comunicação entre a família e as professoras, a partir da definição de categorias: caracterização da agenda escolar e o conteúdo da comunicação estabelecida, envolvidos na comunicação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cláudio é um município do centro-oeste mineiro, que possui 82% da população residente na área urbana (IBGE, 2010). Predominam, em Cláudio, com 60% do total, pessoas sem instrução ou com o Ensino Fundamental incompleto. Apenas 21% da população têm ensino Médio ou Superior. As principais atividades empregadoras, com destaque para o setor industrial, não exigem alto nível de educação formal para a maior parte dos cargos. Desta forma, mesmo a população com baixo nível de educação formal não encontra barreiras para empregabilidade. A força de trabalho está ocupada principalmente no setor de indústrias de transformação, com 30% dos empregos gerados. Em seguida, está o setor de comércio, com 12%, seguido por agropecuária (11%), serviços domésticos (7%), construção (6%) e Educação (4%). A soma de todos outros setores totaliza 30% (TEIXEIRA; CARMO, 2015).

A pesquisa foi realizada em um CEMEI<sup>1</sup> no município de Cláudio (MG), *locus* do estágio curricular da pesquisadora realizado, durante um ano, na instituição, o que possibilitou conhecer a realidade escolar e, neste contexto, sempre notar a constante busca de participação da família nas atividades escolares. A instituição atende predominantemente crianças de famílias trabalhadoras, cujos pais e mães são operários das fundições e da construção civil, além de funcionários públicos.

A Diretora exerce a profissão há 23 anos e atua no CEMEI há 8 anos, sendo 6 na direção, o que a qualificou como respondente da pesquisa. A escolha da Mãe considerou a relação com a escola, pois ela tem três *filhos alunos*, sendo que um estuda, atualmente. As entrevistas buscaram compreender qual a importância da participação da família na escola e como a participação acontece no CEMEI.

Para a Diretora:

A participação da família é essencial no processo ensino-aprendizagem uma vez que a família e escola devem estar sempre em sintonia, [...] formando uma equipe. No CEMEI, a participação é bem ativa uma vez que a maioria dos pais ou responsáveis participam das reuniões, palestras, culminância de projetos, sessões cívicas, confraternizações e demais eventos promovidos pela escola. A maioria dos pais ou responsáveis estão presentes também no dia a dia da escola, trazendo ou buscando seus filhos, tendo assim, contato direto com a professora, equipe diretiva, pedagógica e demais funcionários.

[...] Fazemos essa parceria através de Assembleias de responsáveis, reuniões do Conselho da Comunidade Escolar, Festa Integração Família e Escola e atendimento do dia a dia. [...].

As respostas dadas pela Diretora correspondem à análise de Faria Filho (2000, p. 44), “[...] observa-se hoje uma exaltação da necessidade de se estabelecer um efetivo diálogo entre a escola e a família [...]”, pois, ela afirma, é evidente a importância da parceria para o desenvolvimento integral da criança. Dessa forma, constata-se a *aproximação* das duas instituições, com a presença dos pais na escola e sua

---

<sup>1</sup> Centro Municipal de Educação Infantil, que atende crianças de zero a 5 anos e 11 meses, em Cláudio (MG).

participação nas atividades de ensino. Contatos formais e informais ocorrem sob várias formas: projetos pedagógicos, palestras, festas de família, agenda escolar do aluno, bilhetes, mensagens, conversas na chegada e saída das aulas, ou ainda, a própria criança (NOGUEIRA, 2005 *apud* PERRENOUD, 1995). Além disso, há indícios do processo de *individualização* da interação família e escola. O contato face a face pais e educadores é acentuado, no CEMEI, de Cláudio (MG).

A entrevista também pontuou questões relativas à participação da família no planejamento escolar. A Diretora esclareceu que “Toda a comunidade escolar é convidada a participar de todos os momentos da instituição. Em atividades escolares, em reuniões, em decisões referentes ao atendimento, como um grupo atuante do conselho escolar com membros escolhidos através de votação aberta”.

Neste sentido, na visão da Diretora, a relação escola-família no CEMEI configura a terceira forma de participação, que consiste na *redefinição de papéis* na divisão do trabalho educativo (NOGUEIRA, 2005), sendo que a família se vê com possibilidade de intervir diretamente nos processos pedagógicos. Segundo Paro (2018, p. 55-56), “Trata-se da convicção que a escola, para cumprir seu papel educador, precisa da aceitação dos pais. Além disso, seu papel educador se estende para os pais das crianças, que são também cidadãos, passíveis de se beneficiar da ação escolar”.

E, finalmente, a Diretora manifestou-se sobre o uso da agenda escolar:

A principal função da agenda é ter uma boa comunicação com a família, informar como foi o período da criança dentro da escola e narrar para a família acontecimentos, principalmente, algum incidente como um machucado ou uma briga entre coleguinhas. Na maioria das vezes, a família retorna o que a escola envia. Quando a família não responde, acaba dificultando nosso trabalho.

À Mãe foram perguntadas questões referentes à participação nas atividades da escola, aos modos de comunicação da escola com a família e o uso da agenda escolar. Buscou-se não apenas conhecer o quão a Mãe sente-se envolvida com a escola, mas também estabelecer uma conexão com o exposto pela Diretora.

Mãe:

Tento sempre que possível participar de todas as atividades da escola, principalmente da culminância de projetos e festa da família, pois vejo que meu filho fica muito feliz em me ver. Nas reuniões também procuro estar sempre presente, assim posso acompanhar e ver de perto como está o desenvolvimento e comportamento do meu filho no ambiente escolar.

É de suma importância essa atenção da instituição em buscar atender a família, isso faz com que estreite ainda mais essa relação. Os funcionários do CEMEI são muito atenciosos, nas 3 experiências com meus filhos sempre que tive algum problema eles sempre buscaram resolvê-lo da maneira justa e rápida.

[A agenda] Me auxilia muito, pois nela a professora me mantém informada sobre tudo, e pela correria do dia a dia muitas vezes acaba dificultando o diálogo na saída/entrada dos alunos, então sempre que preciso faço minhas observações, seja algum remédio que ela tenha que dar ou alguma dúvida que eu tenho. Ela sempre relata tudo para mim também, algum acontecimento ou algum evento que vai acontecer na escola, isso me deixa muito tranquila.

A comunicação entre escola-família é através da agenda, a qual se configura num instrumento de registro diário de informações sobre a criança e a rotina da instituição. De forma geral, é possível constatar uma disponibilidade tanto da escola como da família para consolidar uma relação amistosa e de confiança. Há um reconhecimento sobre a importância da agenda escolar como um meio facilitador para a comunicação entre as partes.

### **Caracterização da agenda escolar**

A análise realizada tem como referência a agenda escolar do Maternal II, do CEMEI, que corresponde às crianças de 2 anos de idade. A agenda escolar é didática e informativa, sendo importante para que o processo de comunicação se efetive. Constata-se o intenso uso do meio de comunicação, considerando os registros diários feitos predominantemente pela escola, mas com retorno da mãe ou responsável da criança. Por exemplo, no dia 15/02, a professora envia um bilhete sobre o material escolar, e a mãe responde no dia 28/03. Há uma ligeira demora no retorno e na

entrega do material pela mãe, no entanto a relação se mantém tranquila, propiciando segurança para o *alunofilho*.

15/02

Professora: - Ao conferir os materiais, verificamos que faltou 1 rolo de lã. Se puder, nos encaminhar, por favor.

28/03

Mãe: - Estou enviando o rolo de lã. Desculpe a demora.

O diário contido na agenda escolar busca informar a rotina da criança para a família. O preenchimento é feito pela professora e pela monitora, que deve informar o acompanhamento da criança em relação ao descanso e higiene. Quanto à alimentação, a professora deve informar se a criança tomou café da manhã, almoçou e fez o lanche da tarde, sendo da escola ou de casa. Há um campo para o comportamento da criança; se ela passou o dia agitada, triste ou quieta; se chorou ou estava feliz e tranquila. Os campos finais referem-se às observações dos pais ou da professora/escola. “É direito das famílias ter acesso a informações que lhes permitam opinar e tomar decisões sobre a educação de seus filhos e exercer seus direitos e responsabilidades” (CASTRO; REGATTIERE, 2010, p. 20).

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

VISTO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

ACOMPANHAMENTO	DORMIU (INTEGRAL)	REPOUSO (PARCIAL)	BANHO (INTEGRAL)	COCÓ
				<input type="checkbox"/> SIM
				<input type="checkbox"/> NÃO

ALIMENTAÇÃO	INTEGRAL		PARCIAL	
	COMEU TUDO	NÃO COMEU	COMEU TUDO	NÃO COMEU
CAFÉ DA MANHÃ				
ALMOÇO				
FRUTA / IOGURTE / MELZINHO				
LANCHE DA ESCOLA				
LANCHE DE CASA				

COMPORTAMENTO:

AGITADO  CHOROU  TRANQUILO / FELIZ  TRISTE / QUIETO

OBS.: DA(S) PROFESSORA(S)	OBS.: DOS PAIS

FIGURA A: Diário - Agenda Escolar

Registra-se que há, na parte introdutória da agenda escolar, o texto *Os dois lados da moeda ou da mordida?* que explica para as mães e responsáveis que o aprendizado das crianças se inicia pela boca, gerando mordidas entre elas. É a escola assumindo o seu papel de orientar a partir do uso do conhecimento, sobretudo porque a ocorrência é comum na educação infantil. Além disso, são informadas as normas de funcionamento do CEMEI.

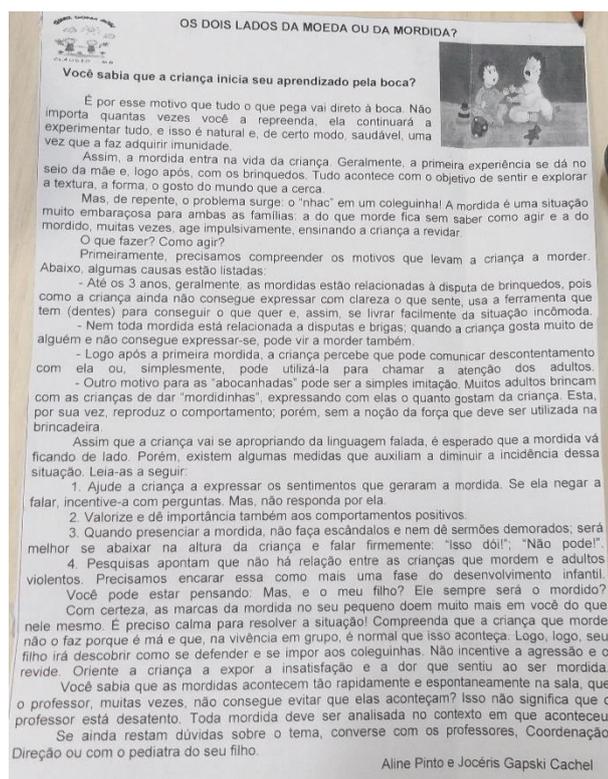


FIGURA B: Texto Os Dois lados da moeda ou da mordida?

### **Conteúdo (e envolvidos) da comunicação estabelecida**

O preenchimento diário é feito pela professora e pela monitora e comumente respondido pela mãe. No geral, há uma predominância, no âmbito da comunicação escola-família, de temas de natureza institucional, como datas especiais e feriados, cardápio semanal, programação de festas, cadastramento escolar e avisos administrativos. Mesmo reconhecendo a necessidade destes temas, não é possível caracterizar a relação escola-família como sendo suficiente, pois é importante o

contato mais individualizado com as famílias, tanto mais quanto menores forem as crianças, como preconiza o RCNEI (1998).

Há diversos avisos da escola sobre incidentes com a criança “Fez cocô bastante mole.” O A tossiu bastante. “O A fez xixi na roupa 3 vezes.” Kilpp (2010) pontua como o cuidado/educação de crianças pequenas demanda comunicação diária entre escola-família, identificando as necessidades, identificando formas de atendê-las e combinando cuidados.

Os diálogos entre professora e mãe são curtos e superficiais. Concordando com Kilpp (2010), os registros assemelham-se a uma *prestação de contas* por parte da Professora: “Hoje comemos gelatina”. “Vomitou antes do lanche”. “Lanchou com os colegas”. Ou ainda “Peço que converse com o A, ele não está seguindo os combinados”. “Peço que converse com A, ele está batendo nos colegas” Neste caso, conforme Reali e Tancredi (p. 6) pontuam “Isso ocorre provavelmente porque os professores muitas vezes pensam que lhes cabe ensinar e que às famílias compete solucionar as dificuldades que enfrentam em sala de aula no contato cotidiano com os alunos, sejam eles referentes à sua aprendizagem ou às suas atitudes”.

Na agenda, as manifestações de afeto também podem ser compreendidas como *prestação de contas*, pois manifestam registros mecânicos como, por exemplo, “Estávamos com saudade!” (retorno das férias escolares); “Adorei sua foto.” “Querida família, obrigada pelo carinho, que Deus abençoe!” A afetividade é um pressuposto pedagógico e, dessa forma, deve ser perceptível para a família na medida em que constitui elemento de confiança e fortalecimento da relação com a escola. Nesta perspectiva, também pode ser observada a completa ausência de elogio para a criança, base para a estima e respeito na relação família-escola.

A afetividade constitui, assim, um fator muito importante no processo de desenvolvimento humano, e é justamente na relação com o outro que o indivíduo poderá se delimitar como pessoa e manter o processo em permanente construção [...] o ato de ensinar é impensável sem o afeto. Apesar dos fenômenos afetivos serem de natureza subjetiva, isso não os faz serem independentes da ação do meio sociocultural, pois podemos afirmar que ele está relacionado diretamente com a qualidade das relações e interesses existente entre os sujeitos e suas experiências vivenciais (FREITAS; MIGUEL, 2019, p. 3).

A questão pode ser também refletida a partir do registro sobre o projeto *Aprendendo a conviver, respeitar e amar*, realizado no 2º semestre:

Vivemos em uma época onde as pessoas estão esquecendo-se de praticar gestos de gentileza como saber ouvir, esperar a vez de falar, respeitar o próximo, ser solidário.

Palavras simples estão sendo esquecidas como: Bom dia! Boa tarde! Obrigado! Com licença! Por favor! Desculpe-me! E precisam ser resgatadas e cultivadas em casa e na escola, a fim de criar relações e ambientes saudáveis.

As transmissões desses valores precisam ser resgatadas [...] como prática constante, abordando afetividade, solidariedade, regras morais e de convivência. [...]

A abordagem caracteriza-se por uma relação escola-família assimétrica que objetiva moralizar e controlar os indivíduos a partir de regras sociais. Castro e Regattiere (2010, p. 35) advertem para o risco desta postura, pois carrega a ideia de educar as famílias que “costuma ter por base a suposição de que elas são omissas em relação à criação de seus filhos”.

Outro ponto que merece destaque são os registros sobre a organização de eventos que indicam o planejamento da escola de estabelecer a relação escola-família. São dois momentos importantes, inclusive destacados pela Diretora: a *Festa de Integração Família e Escola* e o chamado *Culminância dos projetos*, quando são apresentados os trabalhos dos *filhos alunos* desenvolvidos a partir de contação de história infantil. Apesar da ênfase da Diretora dada à *Festa da Integração*, o momento de *Culminância* conta com mais participação dos responsáveis, bem mais interessados, pois os trabalhos infantis objetivam as obras dos filhos alunos.

Por outro lado, a *Festa de Integração Família e Escola* refere-se à festa junina anual, que a Diretora apresenta como importante estratégia de relação escola-família “[...] pode estar se comportando mais como um centro cultural/social e perdendo de vista o que lhe é específico, isto é, garantir uma educação escolar de qualidade” (CASTRO; REGATTIERE, 2010, p. 38). Neste sentido, é necessário distinguir a participação familiar nos espaços escolares e a participação na vida escolar dos filhos, que nem sempre depende da presença dos responsáveis na escola.

Outra questão que pode ser discutida refere-se à pediculose. O bilhete alerta:

**ATENÇÃO SENHORES PAIS OU RESPONSÁVEIS:**

Devido a alguns casos de Pediculose (PIOLHOS), pedimos a colaboração de todos para que possam olhar a cabecinha dos seus filhos todos os dias, cuidando em casa para que não haja infestação. Existem medicamentos muito eficazes, que são vendidos em farmácias e são de fácil aplicação. Esperamos contar com a colaboração de todos (Coordenação Pedagógica).

Novamente, é preciso pensar sobre a relação escola-família, pois a escola responsabiliza somente a família na necessária intervenção. A questão da pediculose insere-se numa tradição educacional, formada pela cultura higienista associada com a pobreza, desde o início do século XX, que parece ainda estar presente nas escolas (YAZLLE; FERNANDES, 2009). Souza et al. (2006, p. 532) associaram pesquisa e intervenção no projeto “Pediculose – uma abordagem didática, em uma escola municipal de Botucatu (SP).

A pesquisa revelou que os professores ainda têm concepções equivocadas acerca do assunto, como “O piolho é mais prevalente em crianças provenientes de lares com menor recurso financeiro (36,5%) e com menor cuidado higiênico (76%) [...] A aquisição do piolho, também ocorre pelo contato com animais (24%) e pela capacidade de pular de uma pessoa a outra (67%)”. A recomendação é que os processos de formação de professores incorporem a discussão da temática. “A escola como local de formação e informação é ideal para o desenvolvimento de atividades educativas que tenham o objetivo de sanar ou impedir o aparecimento de parasitas, como é o piolho, e outros agravos à saúde” (*idem*).

Por fim, na agenda, foram constatados alguns erros na redação da professora, o que sugere a falta de domínio da língua culta, elemento indispensável à profissional e à instituição credenciadas para aplicar, nos processos de formação do sujeito, o conhecimento legitimado. “A mamadeira vasou (SIC) na mochila”. “[...] não comeu nada so (SIC) mamou”. “O A está batendo nos colegas.”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou como se materializa a relação escola-família em um CEMEI, no município de Cláudio, considerando que a participação da família no cotidiano escolar dos filhos contribui com o conhecimento da criança como sujeito social, com história de vida, valores e experiências resultantes da trajetória familiar. É com base neste conhecimento que a professora pode potencializar o seu trabalho pedagógico, pois a herança cultural influencia a aprendizagem da criança.

A agenda escolar adotada pelo CEMEI é o principal meio de comunicação escola-família e permite identificar as potencialidades e os desafios que a escola apresenta e precisa enfrentar, considerando que, dada sua intencionalidade de instituição formadora moderna, é dela que deve partir o movimento de integração.

A tradição educacional, formada pela cultura higienista e pela cultura da carência, parece ainda estar presente na escola, além de sua postura assimétrica em relação à família. A agenda praticamente não contém registros oriundos da família.

Finalmente, fica em aberto um campo fértil para novas pesquisas nesta complexa relação, de forma que o tema escola-família seja contemplado na formação inicial e continuada de professores.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Tradução de Dora Iaksmán. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educacional. Lei 9394/96

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**, Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil.** Brasília, 2006

CASTRO, Jane Margareth e REGATTIERI Marilza, **INTERAÇÃO escola família.** Brasília, 2010.

HEY, A.P.; CATANI, A.M. Reprodução social. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

FERNANDES, Aparecida Cleide Leite. **A arteterapia trazendo a família para o contexto escolar.** TERRA E CULTURA - Ano 34 - Edição nº 66. 2006.

FERNANDES, Letícia Prezzi. **Quem aprende na Educação Infantil? A escola ensinando a ser boa-mãe.** Santa Maria, v. 31 - n. 01, p. 53-66, 2006 educação. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce.revista>

FREITAS, Rosa Elzira Rodrigues Cavalcante e MIGUEL Joelson Rodrigues. **Afetividade: significados e contribuições para a aprendizagem nas séries iniciais,** 2019.

KILPP, Ana Simara Fragoso. **O PAPEL DA AGENDA ESCOLAR NO COTIDIANO DAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL: Uma questão em debate.** Canoas, 2010

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

NOGUEIRA, C.M.M. Família (Relação família-escola). In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2009.

Polônia, A. C.; Dessen, M. A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola.** Psicologia Escolar e Educacional, 9(2), 303-312, 2005.

REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues e TANCREDI, Regina Maria Simões Puccinelli **A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva,** São Carlos, 2005.

SZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** 1ª reimpressão. Brasília, Plano Editora: 2003.

YAZLLE, Elisabeth Gelli; FERNANDES, Juliana G. D. **A presença de idéias higienistas e compensatórias na formação de professores para a educação infantil.** Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 201-209, maio/ago. 2009.

**AUTORAS:**

Rosa Hortência de Melo Ferreira, licenciada em Pedagogia. UEMG Cláudio. Email: [rosahmf08@hotmail.com](mailto:rosahmf08@hotmail.com)

Maria Antonieta Teixeira, Mestra em Educação, Cultura e Organizações Sociais, Licenciada em Ciências Sociais. Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: [maria.teixeira@uemg.br](mailto:maria.teixeira@uemg.br)